



NOTÍCIAS

Atores em tempos de crise

XIII Congresso Internacional de Custos, no Porto

A Alfândega do Porto. Um *ex-libris* da cidade «invicta», nas imediações da Ribeira, com o Douro por vizinho. Foi neste cenário idílico que a Ordem deu mais um passo na sua estratégia de consolidação internacional ao organizar, pela primeira vez, um evento do Instituto Internacional de Custos (IIC), entidade da qual é membro.

Na abertura dos trabalhos, na Sala do Arquivo, o Bastonário congratulou-se com mais este acontecimento com a marca da Ordem, no que disse ser «mais um teste à capacidade criativa e de organização» da entidade reguladora da profissão. Anteriormente, a Universidade do Minho tinha acolhido um evento com a chancela do IIC. Domingues de Azevedo contextualizou a importância do fio condutor dos trabalhos - «Gestão pelos custos: um caminho

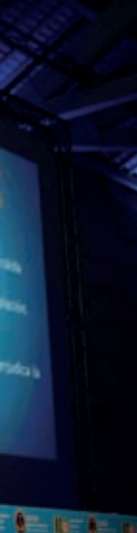
em tempos de crise» - pelo facto de, nomeadamente a Europa, «atravessar um momento difícil.»

«Os empresários pensam que a contabilidade de custos é muito complexa, mas é fundamental para a dinâmica económica. Felizmente, os governos estão a começar a despertar para esta realidade», afirmou o Bastonário. Domingues de Azevedo salientou a virtualidade de «sistemas simples, afetos a um ramo da ciência contabilística, permitirem um conhecimento global.» O responsável máximo da OTOC referiu ainda que eventos como este representam mais um passo para o esforço que a Ordem tem tido de «desassossegurar as mentes instaladas e acomodadas.»

À semelhança do que sucedeu no IV Congresso dos TOC, realizado em setembro, em Lisboa, a XIII edição do Congresso

Internacional de Custos teve uma parte dedicada às sessões paralelas, que para Domingues de Azevedo constituem um «elemento fundamental para a compreensão deste ramo da ciência contabilística.» O anfitrião passou a palavra a Alfredo Kaplan, presidente do IIC, que começou por saudar todos os presentes. «O objetivo principal da organização a que presido passa por melhorar a qualidade de gestão e a economia das empresas. No fundo, melhorar a tomada de decisões», disse. O uruguaio debruçou-se sobre algumas notas essenciais do IIC, nomeadamente a revista de periodicidade bianual que é editada e os 12 países que integram esta entidade, sendo o México, o Paraguai, o Chile e a Venezuela, as mais recentes adesões, podendo o Peru e o Equador estar na calha.





NOTÍCIAS

João Carvalho, presidente da comissão organizadora, recordou os passos até à aceitação da candidatura portuguesa formalizada pela OTOC, na pessoa de Domingues de Azevedo, em setembro de 2011, no Uruguai. A proposta recebeu luz verde por unanimidade da assembleia geral do IIC, concretizando-se, deste modo, a candidatura de Portugal a acolher o congresso, em 2013, no Porto.

O presidente do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) referiu que o tema escolhido para os trabalhos revestia-se de uma «grande utilidade e atualidade», especialmente em tempos de crise. Aliar a prática à teoria, era o objetivo do evento, adicionou João Carvalho que sintetizou esta ideia na seguinte frase: «Investigação sem prática é inútil, prática sem investigação é parar no tempo.»

A «bebedeira» da despesa

O último orador da sessão de abertura foi Rui Rio, presidente da Câmara do Porto. O também vice-presidente da mesa da

assembleia geral da Ordem enalteceu o «trabalho dinâmico» desenvolvido pela OTOC, «que tem sabido defender o prestígio e a eficácia da profissão», considerando-a um «exemplo para outras ordens.» O autarca destacou também o «interesse e utilidade» de eventos desta natureza no quadro global do País, num horizonte que vai para além da profissão.

Há 11 anos a liderar a edilidade da cidade «invicta», Rio aproveitou para fazer o balanço da gestão de uma câmara da qual se despede no próximo outono. Mas rapidamente o olhar sobre a cidade transformou-se em crítica sobre os poderes nacionais e europeus. «A Europa atravessa uma crise profundíssima, fruto mais da política e menos da economia, a que nenhum país do velho continente está imune. O regime político consegue criar problemas e dificilmente os resolve», disse Rui Rio, no seu habitual registo contundente. O ex-deputado apontou «erros transversais no setor financeiro e de supervisão», «desvalorização da poupança» e, porven-

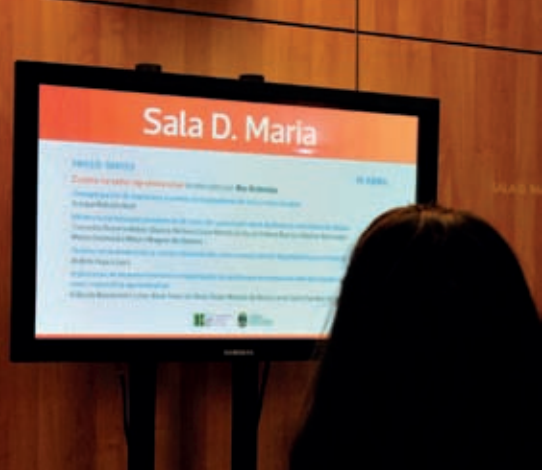
tura o maior pecado, «despesa pública exagerada e sem qualquer critério económico», apenas determinada por «simpatia política.» Sobre a gestão pública, Rio disse que «sem proveitos, não há custos», apontando o facto de o setor público ter uma «responsabilidade acrescida», com «caráter pedagógico», nos atos de gestão respeitantes à receita e à despesa.

«Depois da bebedeira da despesa, agora queremos ser paladinos da contenção. O pior é que se confundem custos com investimento», prosseguiu Rui Rio, que enfatizou a importância da «inteligência e da capacidade técnica de gestão» e o vocábulo «confiança», que considerou sinónimo de paz social, investimento e um «carburante da força anímica.»

A aplicação de medicina preventiva

A sessão plenária que se seguiu à abertura, moderada por José António Moreira, presidente da Comissão Científica do Congresso, decorreu em castelhano e português. Alfredo Kaplan, o uruguaio





que no Porto era ainda o presidente do Instituto Internacional de Custos, trouxe a sua visão sobre as «Evoluções da Contabilidade de Gestão», o tema genérico deste primeiro painel.

Debruçando-se sobre a gestão de custos, Kaplan começou por relembrar que a contabilidade de gestão deve «coordenar e interpretar informação contabilística e extracontabilística, interna e externa, relacionada com a empresa e o meio que a envolve», sendo indispensável «atuar com rapidez, para poder aplicar medicina preventiva e não medicina forense.»

Se estes passos são fundamentais em tempos normais, digamos assim, sê-lo-ão muito mais em «situações de crise», períodos caracterizados por «importantes quedas nas vendas, destruição de postos de trabalho, crises bancárias ou dificuldade de acesso ao crédito.» Como atuar num contexto assim? O professor uruguaio deixa alguns conselhos, entre eles, «planear e atuar com equilíbrio e inteligência emocional», bem como «estar informado e tomar decisões difíceis nos momentos adequados.» Esta atuação deve passar, por exemplo, pelo assumir de que os mercados ditam os preços,

pelo forte controlo sobre os custos fixos ou ainda, entre outros, pela reestruturação do passivo. Em suma, «é necessário atuar. Não podemos ser espetadores mas sim atores perante situações de crise», sintetizou Alfredo Kaplan.

A sessão continuou em língua castelhana. Do sul de Espanha veio Daniel Carrasco para analisar «A Contabilidade de Gestão Pública: perfil da proposta espanhola.» Depois de ter dado a perspetiva internacional sobre a matéria, o professor da Universidade de Málaga debruçou-se sobre o desenvolvimento normativo da contabilidade analítica na administração pública espanhola, antes de rever também com alguma profundidade a síntese do modelo de custos bem como os relatórios para a gestão. Neste capítulo enumerou os elementos de custos, as atividades e serviços ou as margens de cobertura, entre outros.

«A transparência nas entidades públicas não é uma necessidade, é uma obrigação porque é imperativo o respeito que se deve ter por todos os cidadãos», sintetizou Daniel Carrasco.

«Evolução da Contabilidade de Gestão: da revolução industrial ao *time-driven ABC*»





foi o tema escolhido por Maria João Major para encerrar a primeira sessão plenária. A sua apresentação recorreu com frequência aos ensinamentos de Robert Kaplan e H. Thomas Johnson expresso na obra «Relevance Lost» e levou os presentes numa viagem pelo tempo, ou seja, das origens da Contabilidade de Gestão, que remontam ao aparecimento das primeiras organizações hierárquicas na revolução industrial, à época de ouro, no século XIX, dando igualmente algumas luzes sobre o seu declínio, já no século XX, com a supremacia da informação financeira. Contudo, sustentou Major, «a partir dos fins da década de 80, académicos, consultores e gestores reclamam a necessidade de se desenvolverem novas técnicas, sistemas e procedimentos de Contabilidade de Gestão que permitam ajustamento às rápidas alterações tecnológicas e resposta às novas preocupações de gestão.» Este caminho conheceu duas fases distintas entre os finais da década de 80 e início da década de 90, com o apuramento mais correto dos custos por objeto de custeio (ABC) e, a partir da década de 90, com a gestão das atividades e custos e apoio à decisão (ABM).

Como criar valor no atual ambiente de negócios e a investigação em Contabilidade de Gestão foram mais dois itens que mereceram a atenção da oradora concluindo que, no que respeita ao *time-driven ABC* «há ainda muito trabalho a fazer, porque pouco se sabe sobre a aplicabilidade destes conceitos.»

Pesquisa, desenvolvimento e inovação

A sessão plenária do dia 19 de abril, de regresso à Sala do Arquivo, após a tarde do dia anterior e as primeiras horas da manhã terem sido dedicadas às sessões paralelas, foi subordinada ao tema «O financiamento e o apoio das organizações na investigação». A moderação esteve a cargo de Manuel Mendes da Cruz, membro do Colégio da Especialidade de Contabilidade e Gestão da Ordem. Antes de lançar os oradores do painel, o docente do ISCAL deixou o alerta de que «os custos ocultos são a ponta do icebergue». Do Brasil veio Carlos Dhiel, presidente da Associação Brasileira de Custos (ABC), para retratar a realidade do seu país. O professor de Ciências Contábeis da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em





São Leopoldo, Estado de Rio Grande do Sul, referiu que o Brasil ocupa o 13.º lugar do *ranking* de produção científica mundial, sendo o financiamento da pesquisa repartido por entidades públicas, privadas e Organizações Não Governamentais (ONG).

O académico salientou a forte presença das universidades brasileiras na investigação, bem como o compromisso dos Estados brasileiros em termos de P&D (Pesquisa e Desenvolvimento). São Paulo, o maior Estado brasileiro, contribui com a principal fatia. O progresso registado nas

condições económicas do Brasil não será alheio à melhoria do índice de Gini, coeficiente utilizado para calcular a desigualdade de distribuição da renda naquele país. Promover o «debate intelectual» e reforçar a «aproximação das empresas», «incentivando a gestão de custos relativa à P&D» é o objetivo do XX Congresso Brasileiro de Custos, que reúne cerca de 400 participantes por edição, sendo, segundo Dhiel, «um dos quatro mais importantes eventos na área da gestão que se realizam no Brasil».

Os custos ocultos

Gregorio Coronel Troncoso, professor da Universidade Nacional de Entre Ríos, na Argentina, fez a apologia da inovação, recuperando as teorias e as citações célebres de um economista da inovação, Bengt-Ake Lundvall, de origem nórdica. «O êxito de indivíduos, empresas, regiões e economias nacionais refletem, não tanto o conhecimento que possuem, mas a sua capacidade constante de aprender a partir da interação». Coronel Troncoso focou as principais entidades do seu país que desenvolvem projetos de investigação, numa base científico-tecnológica, tendo sublinhado o plano nacional de ciência, tecnologia e inovação produtiva, denominado «Argentina inovadora 2020.» «Corresponder aos anseios da sociedade» é o principal desígnio destes projetos, com especial relevância nos setores estratégicos da agroindústria, ambiente e desenvolvimento sustentável e social.

Henri Savall e Veronique Zardet apresentaram em parceria a última intervenção do congresso. Os docentes do ISEOR (Instituto Sócio-Económico das Empresas e das Organizações), sediado em Lyon, França, dissertaram sobre o papel das entidades no desenvolvimento do controlo de gestão. Com 38 anos de investigação sobre estratégias de melhoria de desempenho no currículo, o ISEOR, o seu diretor, Henri Savall, sublinhou o peso da «falta de receitas e do excesso de gastos



Ordem rubrica protocolo para o combate à fraude e evasão fiscais

A Ordem, a Faculdade de Economia do Porto e o Observatório de Economia e Gestão da Fraude assinaram no dia 18 de abril, durante o XIII Congresso de Custos, um protocolo de colaboração no âmbito do combate à fraude e evasão fiscais. No ato formal estiveram presentes, o Bastonário da OTOC, o presiden-

te do Observatório, Carlos Pimenta, e o diretor da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, João Proença. Com a celebração deste protocolo, reforça-se a ligação entre a academia e os profissionais da contabilidade e da fiscalidade, nomeadamente na deteção de situações de incumprimento.

sobre o resultado económico.» O responsável do ISEOR destacou o papel do laboratório de investigação do Instituto de Lyon para apurar o que denominou os «custos ocultos.» Consequência desta realidade, admitiu Veronique Zardet, o «desempenho económico global diminui na medida em que os atores dispõem de menos informações pertinentes na hora de tomar decisões.»

Segunda parte só agora começa

Final da manhã do segundo dia. Após mais de uma centena de apresentações nas sessões paralelas, após a visão partilhada sobre custos em várias línguas e diversas latitudes, teve lugar a sessão de encerramento. José António Moreira, presidente da Comissão Científica, elogiou a capacidade organizativa da Ordem porque «todo este processo foi conseguido num espaço de tempo muito curto. Tratou-se de um risco assumido desde início e uma responsabilidade acrescida para todos nós.»

Alfredo Kaplan, o presidente cessante do IIC, estava radiante. Disse que o XIII Congresso Internacional de Custos «foi um êxito» mas foi mais longe, dirigindo-se, em concreto, à OTOC: «A vossa Ordem tem agora um grande desafio: participar ativamente no IIC. Portugal poderá ser um elemento preponderante.»

Kaplan anunciou ainda o nome do seu sucessor, o argentino Gregório Coronel Troncoso e o local do próximo Congresso: Medellín, na Colômbia, em 2015, o que motivou a exibição de um vídeo promocional daquela cidade colombiana, como forma de aguçar o apetite aos presentes.

Antes das palavras finais de Domingues de Azevedo, Troncoso teve ainda tempo para confessar que o cargo que assume «é um enorme desafio» e que o congresso do Porto «foi fenomenal em termos de organização e de eficiência.»

O Bastonário da OTOC gostou do que ouviu mas preferiu centrar-se em outros



O evento em números

No emblemático e histórico edifício nas margens do Douro assistiu-se a um evento que bateu todos os recordes de participação. Cerca de cinco centenas de congressistas, provenientes de onze países, 165 trabalhos recebidos, 137 dos quais selecionados para apresentação, da responsabilidade de 325 autores. O trabalho de análise e seleção das comunicações pertenceu a um grupo de 52 investigadores e docentes universitários. No total das 34 sessões, foram cumpridas

das 51 horas de apresentações. A língua portuguesa, com e sem sotaque, esteve em maioria: 79 dos trabalhos vieram do Brasil, 22 de Portugal, 15 da Argentina, 6 de Espanha e 3 do Uruguai. As sessões paralelas, que decorreram durante toda a tarde de dia 18 e no início da manhã de dia 19, foram bastante concorridas. Foi grande a azáfama de entrada e saída nas sete salas preparadas para o efeito, com apresentações *a la carte*. O difícil mesmo era escolher.

aspectos: «Valeu ou não a pena o esforço feito por todos nós nestes dois dias? A minha resposta vai claramente em sentido positivo, porque presenciamos um encontro com elevado nível científico.» Contudo, sintetizou Domingues de Azevedo, «este Congresso não termina aqui. Tem que ter aplicação na vida real.

Temos que ser capazes de levar até às empresas e empresários as mais-valias de todo este processo. É a segunda parte do congresso...» Uma metade que agora bem poderá estar em marcha... ❁



Fotos e vídeo disponíveis em congressodecustos.otoc.pt

